



O Adolescente e suas Escolhas

**Bela Malvina Szajdenfis
Maria da Gloria Sadala**

RESUMO – O Adolescente e suas Escolhas. O presente artigo incide sobre os processos de escolha na adolescência, baseando-se principalmente na teoria psicanalítica. Evidencia a importância do tema para o campo da educação, uma vez que as escolhas do adolescente são determinantes para as posições assumidas, posteriormente, como adulto. Além da incursão histórica sobre o tema, o artigo apresenta a concepção de adolescência para a psicanálise, utilizando as formulações sobre o sujeito do desejo e as operações de alienação e separação para analisar os processos de escolha, contrapondo a proposta psicanalítica às imposições do capitalismo com seu consumo desenfreado da imagem.

Palavras-chaves: **Adolescência. Psicanálise. Escolha.**

ABSTRACT – The Adolescent and his Choices. This article focuses on the procedures of choice in adolescence, based primarily on psychoanalytic theory. Highlights the importance of the theme for the field of education, since the choices of adolescents are crucial for the positions taken thereafter as adults. Besides the historic raid on the subject, the article presents the conception of adolescence to psychoanalysis, using the formulations on the subject of desire and the operations of alienation and separation to analyze the processes of choice, opposing the psychoanalytic proposal to the impositions of capitalism with its unbridled use of the image.

Keywords: **Adolescence. Psychoanalysis. Choice.**

Uma análise a respeito do adolescente e de suas escolhas é tarefa desafiadora dada a amplitude e a complexidade do tema, envolvendo questões referentes à educação, história, psicologia e psicanálise. Considerando relevante tal desafio, as autoras apresentam este estudo psicanalítico que ressalta a importância das escolhas na adolescência, especialmente aquelas relacionadas à sexualidade e ao campo profissional, uma vez que são decisivas nas posições assumidas, posteriormente, na vida adulta. Assim, para que os educadores cumpram seu papel de formação, é importante conhecer e refletir sobre o processo de escolha na adolescência.

A adolescência é decorrência da criação da moderna noção de família e de infância, uma invenção que, na cultura ocidental, firma-se efetivamente somente no século XX, quando também se dá a descoberta revolucionária de Sigmund Freud com a inscrição da psicanálise como ciência do inconsciente.

Embora seja uma categoria considerada recente, já na Grécia Antiga, século V a.C., o adolescente era colocado no centro do discurso sendo nomeado *efebo*, palavra de origem grega, *Ἔφελος*, que significa *homem moço*. Naquela época, a iniciação sexual desses jovens era responsabilidade de seus mestres, que os introduzia pela via da feminilidade. Esses rapazes eram submetidos a experiências eróticas com mais velhos que os raptavam para serem seus amantes, a exemplo do rapto de Crísipo, retratado por Sófocles no mito de Édipo.

O termo *adolescens*, de origem latina, foi utilizado pela primeira vez nos escritos de Plauto, no século II a.C. e somente no final do século XIII iniciou sua circulação na sociedade. Designava o período em que se instalava a educação de jovens entre 14 e 21 anos, calcada numa ética política. A infância e a adolescência não eram delimitadas como categorias específicas naquele momento.

Philippe Ariès (1981) coloca a categoria adolescente como um momento de vida situado historicamente, nem sempre entendido e conduzido da mesma maneira através do tempo e das diferentes culturas. De acordo com esse historiador, na Idade Média há uma ausência de reconhecimento da infância e da adolescência. Naquela época, aos seis anos, a criança saía da infância e, assim que tinha condições de viver sem o auxílio constante da mãe ou ama, passava a viver no mundo adulto como aprendiz de ofício. Impunha-se à criança e ao jovem uma exigência de trabalho.

Até o século XVIII não havia lugar para a adolescência, sendo a mesma confundida com a infância. Transitava-se da infância para a idade adulta, sem que houvesse uma passagem, a não ser através de ritos, de cerimônias religiosas, com um ritual específico e poder misterioso de presentificar o laço entre os humanos e a divindade adorada.

No passado, em algumas culturas, a primeira cerimônia de iniciação era uma apresentação do recém-nascido a seus antecedentes diretos, sendo reconhecido como parte da linhagem ancestral. Essa cerimônia era praticada dentro do próprio ambiente familiar, logo após o nascimento da criança. Alguns anos mais tarde o jovem passava por outra cerimônia similar, a da adolescência.

Vemos, ainda hoje, algumas culturas nas quais o jovem se insere numa ordem social, através de um rito de passagem, assumindo responsabilidades do novo ciclo de vida. Entre os indígenas que hoje vivem no Brasil presentificam-se, por exemplo, ritos de passagem da infância ao mundo adulto em que jovens se submetem às exigências culturais vigentes, marcados muitas vezes por sacrifícios corporais.

As religiões também comungam dessa prática. No judaísmo, por exemplo, por questões principalmente de tradição religiosa é feita a circuncisão no menino, aos oito dias de nascido, como sinal de aliança com Deus, Abraão e seus descendentes. Esse é um rito de inserção no judaísmo, prática obrigatória pelas leis dadas a Moisés como condição de pertencimento à cultura judaica.

O termo circuncisão, derivado das palavras latinas *circum* e *cisione*, significa literalmente, *cortar ao redor*, o que nos remete ao significante da psicanálise nomeado como castração. Podemos, no entanto, pensar a circuncisão, no que se refere ao rito de inserção no mundo da cultura, como uma representação da saída da criança da díade mãe-filho.

Como uma segunda entrada na cultura judaica, o jovem, ao atingir a puberdade, perpetua o seu ingresso no mundo dos adultos através de um ritual religioso obrigatório para os meninos. Ao submeter-se a essa cerimônia - o *bar mitzvah* - o jovem é lançado na vida cultural e espiritual judaicas. Esse momento exige uma preparação intensa de aproximadamente um ano, para a leitura e domínio da *Torah*, livro sagrado, culminando com uma cerimônia religiosa quase sempre realizada no *shabat*, dia sagrado judaico. Ao recitarem textos da Bíblia, seguem-se prescrições feitas pelos rabinos e esses jovens passam a ser reconhecidos pela religião como pessoas preparadas para a vida adulta.

Na prática das comunidades judaicas é a idade cronológica - 13 anos - que determina a maioridade para a vida religiosa e para certas obrigações congregacionais e rituais.

Como sinal dos tempos, as mulheres judaicas conquistaram em época recente seu espaço no mundo talmúdico e já podem optar pelo *bat mitzvah*, cerimônia idêntica à realizada com o jovem adolescente, sendo que esta é optativa. Sua maioridade se vê inscrita na vida religiosa um ano a menos, ou seja, aos 12 anos de idade, por se supor que o amadurecimento na menina ocorre mais precocemente.

Na Igreja Católica temos a crisma como uma confirmação do batismo, constituindo um dos sete sacramentos. Esse segundo momento, no entanto, é opcional e deve ser realizado a partir dos 15 anos, quando se dá a entrada do jovem na maturidade. É uma cerimônia cuja preparação é feita em um ou dois anos e culmina com a bênção do padre ou bispo, num ato religioso, em que há a unção com óleo sagrado, símbolo da purificação da alma com vistas a prepará-lo para maior compreensão dessa doutrina religiosa.

Podemos pensar o quanto a religião, de maneira geral, entra na vida pessoal do ser humano, afastando-o das parcelas indesejáveis da realidade e destituindo-o dos seus desejos. Nas situações ritualísticas apresentadas, o sujeito,

muitas vezes, não se faz presente. Em se tratando de sujeito do inconsciente, não é possível a adolescência ser marcada cronologicamente como nos ritos iniciáticos ou de passagem.

Alberti (1996) sinaliza que o rito tem por função sustentar para o sujeito o próprio recalque, o que permite preparar o adolescente para participar do sistema social, comunitário e civilizatório. Podemos ainda observar nos ritos uma especularização do sujeito em relação aos ideais da cultura. Geralmente organizados em grupo, os ritos se processam de forma semelhante em relação aos anteriores, com regras e etapas que se repetem e com uma eficácia simbólica que leva a uma nova identificação com um significante mestre.

Um segundo aspecto cultural que atravessa os tempos e se inscreve no contemporâneo de uma forma contundente, a ponto de não podermos ignorá-lo, são as tatuagens. Com frequência encontramos sujeitos mapeados, cada um com suas histórias marcadas no corpo. Constatamos, a cada dia, que o fenômeno global da inscrição no corpo está sendo apropriado pelos adultos no século XXI de uma maneira acelerada. Podemos pensar em um indício de provocação para um olhar que reconheça o sujeito em sua singularidade, quer seja adolescente, quer seja adulto?

Costa, em seu livro *Tatuagem e Marcas Corporais* (2003), enuncia a necessidade de percebermos hoje, enquanto psicanalistas, essas marcas e esses traços incrustados na derme. Com um olhar voltado não só para a cultura, mas também para a psicanálise, a autora nos mostra o quanto a constatação de um vazio inexplicável impele o sujeito a buscar inscrever, através do traço na pele, sua subjetividade e a sua inclusão no grupo.

A partir de 1930, a adolescência tem sido valorizada como uma categoria que exige atenção especial, considerando-se as mudanças subjetivas que se colocam para o jovem por ocasião das transformações pubertárias em que se vê enredado e das transformações sociais que ensejam novas construções para esse universo adolescente.

Pensar a adolescência psicanaliticamente significa pensar em duas afirmativas: que todo sujeito adolescente é um sujeito suposto adolescente; que a adolescência comporta uma complexidade para além do sujeito. A primeira afirmativa pauta-se no fato de que nem todos atingem a adolescência numa mesma época, sendo possível não atingi-la como no caso da psicose. A segunda afirmativa refere-se ao fato da condição adolescente ter se estendido no tempo. Isto porque, dentre outros fatores, o processo de globalização da ordem econômica trouxe, no final do século XX, conseqüências desalentadoras para o adolescente na entrada no mundo do trabalho, contribuindo para uma adolescência mais prolongada. São considerações que apontam para a complexidade da adolescência, exigindo ampliação da visão do educador nos processos de escolha.

Focalizando a escolha de profissão na contemporaneidade, observamos a presença de questões próprias do mundo em que vivemos, interferindo nas escolhas do adolescente. O consumo desenfreado do sistema capitalista carrega uma valorização excessiva da imagem e um imediatismo inconsistente e fugaz,

dificultando a presentificação do sujeito do desejo. Pela imposição deste sistema reina o regime da imagem e da identificação. A presença dos *gadgets*, esses objetos que se colocam como causa do desejo, revela a proposta da ciência, da tecnologia e do capitalismo de atingir o todo e realizar o impossível. É o brilho desses objetos de consumo que ofusca a presença do desejo. Surgem, assim, *profissões da moda* que seduzem os jovens em suas escolhas com promessas de poder e de prestígio.

O mundo de hoje exige atitudes dos jovens que possam lhes garantir rapidamente a inclusão na sociedade. Se antes as regras eram definidas e duradouras, hoje o meio social e produtivo exige do sujeito uma capacitação acelerada, uma competitividade selvagem, uma rapidez na adaptação e flexibilidade ante as mudanças meteóricas do mercado mundial em estado de permanente transitoriedade.

Os paradoxos entre antigos e novos valores eclodem em conflitos geracionais. Os projetos individualistas em que cada um busca seus interesses pessoais e profissionais, tornam o convívio familiar frágil, pouco comunicativo, com pouca sustentação, deixando todos em tensão permanente. Essas são instabilidades que têm afetado as famílias em suas dinâmicas relacionais.

Promessas enganosas de emprego e de falso sucesso profissional, nepotismos e outras arbitrariedades, aliadas às próprias questões do sujeito, não raro levam o adolescente a um estado de passividade e irritabilidade que se traduzem em um mal estar, possível de desembocar em desvios, em consumo de drogas, em dificuldades relativas às suas escolhas.

Como lidar com esses sujeitos adolescentes? Como entender suas escolhas amorosas e profissionais neste século XXI? Na realidade são preocupações intensificadas na contemporaneidade e que têm servido de pauta de discussões em escolas, jornadas, congressos e imprensa em geral. E a psicanálise, com seu olhar diferenciado, tem trazido algumas contribuições para essas questões, em especial, para pais e profissionais que lidam com sujeitos adolescentes.

Sigmund Freud, no final do século XIX e início do século XX, descobre que as ações humanas são determinadas pelo inconsciente, eixo constitutivo da subjetividade. Descobre, na evolução de seus estudos, que a sexualidade não tem seu início na puberdade, mas na infância. E mais, que a adolescência vai além de um momento genitalmente possível.

A adolescência implica uma travessia de identificações, de separações, de experimentações, de buscas e de descobertas. Segundo Freud, trata-se de um trabalho psíquico difícil e complexo que traz no desligamento dos pais uma passagem fundamental para a evolução da cultura. Tal travessia arrasta consigo perdas seguidas de elaborações de lutos com que se defrontam não só os adolescentes, mas também seus pais. Isto, evidentemente, pode trazer como consequência, conflitos, baixos desempenhos, desencontros.

Nos seus estudos sobre sexualidade, Freud inscreve a *puberdade* - termo que preferiu à adolescência - em seguida ao período de latência, que, para a medicina, significa período de incubação ou período de tempo entre a penetra-

ção de um agente mórbido e seus primeiros efeitos. A latência é um período em que a força libidinal retém sua carga até eclodir na puberdade.

Lacan vai preferir o termo *jovem*, muito comum nas décadas de 1960 - 1970 na França, momento histórico de intensas transformações políticas e culturais que marcam a segunda metade do século XX. Os jovens, numa demonstração de rebeldia e de liberdade, promovem mudanças nas relações entre raças, sexos e gerações, através de manifestações estudantis nas universidades francesas que vieram a repercutir em outros países, dentre eles o Brasil. Para Lacan, esse período marcado pelo sexo-esquerdismo, nada mais é do que uma falsa promessa de liberdade sexual, uma maldição sobre o sexo.

O tema sexualidade humana é preocupação de Freud desde 1893, momento em que o mestre se debruça sobre a etiologia das neuroses com explicações a partir da diversidade de seus aspectos. Para além da visão de sua época, Freud descobre, em plena Viena do século XIX, que a função sexual existe desde o início da vida humana.

Freud já vinha estudando a questão da sexualidade para compreender a histeria e em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, apresenta uma sistematização sobre o que é a sexualidade para a psicanálise, privilegiando como respaldo teórico sua tese da bissexualidade originária, o conceito de pulsão e a questão da escolha de objeto. No último ensaio desenvolve a segunda fase da sexualidade humana - a puberdade - momento próprio de um reforço pulsional edipiano e da instauração de um segundo tempo de escolha de objeto.

Em *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1908), Freud nos alerta sobre os conflitos de ordem sexual da primeira infância, ocorrências traumáticas, pensamentos e desejos recalçados que podem deixar marcas no sujeito. Reimpressos com a chegada da puberdade, esses conflitos se refletem na pulsão de saber do jovem, o que, não raro, se traduz em um sujeito passivo diante das escolhas impostas pela cultura.

Saído da infância, o jovem se depara novamente com o real do sexo, um encontro que escapa à simbolização, algo impossível de se traduzir em palavras. A busca de satisfação sexual, do sexo compartilhado, vem carregada de angústia, tendo em vista que o desejo passa a ser um imperativo desafiante e mostra como está apenso ao desejo do Outro. O sujeito precisa de um outro para a realização do ato. Freud (1905) confirma que esse encontro pubertário não é o primeiro da dimensão traumática para o sujeito, mas traduz investimentos objetivos de épocas precoces.

Carneiro Ribeiro (2001, p. 7) refere-se ao encontro com o real do sexo dizendo que “O drama da juventude reside na possibilidade do encontro do ato sexual fazer cair o véu e levar o jovem a encarar o impossível da relação sexual”.

O sujeito não nasce com sua posição sexual definida, uma vez que essa posição não lhe é dada pela própria natureza humana. Ao atingir a puberdade, terá que responder pela posição sexual, dando conta desse real. No dizer de Lacan, “as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro que se coloca no campo do Outro.”

(Lacan, [1964] 1998, p. 194). Nesse sentido, há uma retomada do mito individual de cada sujeito, levando-o a escolhas singulares que se relacionam com sua própria história.

Um dos trabalhos essenciais da adolescência é a elaboração das escolhas. Lacan considera essa fase como sendo a assunção de que o Outro é barrado, o que exige do adolescente a elaboração da falta no Outro. O adolescente é visto como um sujeito deixado cair pelo Outro. Esse Outro outrora idealizado, na adolescência já não o é mais. No momento de abandono, o adolescente sente-se desamparado e coloca-se pronto para servir ao mais vil dos senhores.

Quem é esse Outro? Não é possível pensar o sujeito sem o Outro. Lacan refere-se ao campo do Outro como o lugar onde se situa a cadeia de significantes e da fala. O Outro é o lugar dos significantes que precedem o sujeito. Fala sobre o sujeito antes mesmo do seu nascimento. E o sujeito se constitui a partir dos significantes provenientes do campo do Outro.

Não poucas são as questões que inquietam o sujeito adolescente. Quem sou eu? O que querem de mim?

Questões sobre as escolhas podem ser trabalhadas a partir de formulações lacanianas, mais especificamente, através de duas categorias teóricas consideradas fundamentais na causação do sujeito: alienação e separação.

A alienação é fundante, ou seja, necessária à constituição do sujeito. Nela temos o conjunto do Outro e o conjunto do ser, este transformado pela linguagem do Outro em sujeito. O sujeito alienado é um sujeito do significante. O alienado é o sujeito que tudo aceita, não pergunta, não questiona, vive e age sem pensar sobre si mesmo, recusando-se a pensar sobre o que é.

Na separação, ao contrário, o Outro não é pleno, mas barrado. O sujeito, ao se deparar com a castração do Outro, precisa suportar esse desamparo e sair em busca do que lhe falta. O desejo do sujeito passa a ser parte do Outro sem ser elemento do Outro. Nele há apenas significantes e o vazio, portanto a resposta está no próprio sujeito, um sujeito para além do significante, um sujeito da pulsão que se satisfaz silenciosamente na ação. E esse vazio entre o sujeito e o Outro é apenas uma lacuna onde entra o objeto causa de desejo - objeto *a*. Nessa operação de separação, o Outro não fica excluído, mas passa a ter uma função diferente, visto de um outro lugar.

Alienação e separação são operações constitutivas do sujeito do desejo. O sujeito toma o significante do campo do Outro para dele se separar.

O desejo pode ser inferido a partir da demanda que se manifesta em cada fala. O sujeito sai em busca do objeto suposto da primeira experiência fictícia de satisfação, uma busca necessária, busca do objeto para sempre perdido.

Todo desejo é, por definição, desejo do Outro, já que o sujeito é a ele alienado, mas a escolha se faz na vertente inversa, a da separação do Outro. O sujeito passa necessariamente pelo Outro, pois a separação implica alienação, em primeira instância. Na separação há uma mudança subjetiva no campo da linguagem. É uma meia volta nesse campo: de sujeito falado a sujeito falante. Ao se deparar com o furo, com um vazio, o sujeito precisa gerar a si mesmo. Esta

é a via da separação. A adolescência só se dará quando o sujeito puder enfrentar a falta no Outro. É o reconhecimento dessa falta que possibilitará ao sujeito fazer suas escolhas a partir do seu próprio desejo.

Tomemos um fragmento clínico que nos mostra um sujeito adolescente nesta manobra, mas ainda alienado às figuras parentais.

Jovem de 18 anos, primogênito entre três irmãos, filho de pais separados, Alberto aderiu à religião da mãe, cuja igreja frequenta regularmente aos domingos. Seu pai, pouco presente em sua vida, fica todas as tardes no bar da esquina de casa, único momento em que Alberto o vê. Comunicam-se pouco, apenas o suficiente para pedir um trocado. Viciado em games, suas brigas com a mãe são constantes. Em 2007 passou para duas universidades, uma de teologia e outra de história. Iniciou teologia em uma universidade católica com bolsa de estudos integral, mas abandonou o curso no segundo mês. No semestre seguinte dá início ao curso de história. Após uma semana de aula, desiste do novo curso, não entendendo porque o fez. Esconde o fato da mãe, que só descobre ao final do ano, nada mais podendo fazer. Alberto não está podendo falar disso. Perde as vagas, o que o obriga a prestar novo vestibular.

O texto freudiano intitulado *Romances Familiares* (1908), nos mostra a importância da fantasia na constituição do sujeito. Na adolescência ocorre uma reatualização das fantasias edípicas da infância.

Lacan, numa releitura do Édipo freudiano, introduz a função do Nome-do-Pai como o significante que vem barrar o desejo da mãe, permitindo um deslocamento da posição da criança frente ao desejo materno. Sabemos que a identificação com a imagem de um pai que possui o atributo fálico claudica na adolescência, exigindo uma nova identificação para sustentar o sujeito. Ao deparar-se com a inconsistência do Outro, o sujeito busca ancoragem no significante Nome-do-Pai.

É em função da busca de um Nome-do-Pai que o sustente e reorienta seu desejo, que o sujeito adolescente se depara com uma angústia identificada como crise da adolescência. Inicialmente há uma identificação puramente especular, tornando-se necessário que o mito edípico adquira toda sua desenvoltura para a constituição do sujeito do desejo. Segundo Alberti trata-se de “[...] elaboração que levará o sujeito para além da travessia das aparências, onde o sujeito deixa de querer ser como o pai para ter a mãe, conforme o esquema edípico, para encontrar esse um Nome-do-Pai que pode ser qualquer um, mas que seja fundamentalmente um significante” (Alberti, 1996, p. 247).

Alberto não encontrou no pai o atributo fálico necessário e teve dificuldade de libertar-se da mãe fálica. A partir das marcas dos discursos dos pais, carrega consigo uma herança simbólica. A inscrição simbólica na sua história familiar constitui o seu desejo inconsciente, a partir do desejo do Outro.

O pai saiu de casa com a mãe grávida de Alberto. Seu tio, em uma briga com a irmã, deu-lhe o significante *débil mental*. Alberto custou a andar, teve dificuldade de jogar bola, não consegue andar de bicicleta até hoje e apresenta dificuldade de relacionamento. A mãe, que o considera superdotado, não conse-

gue entender o que se passa com o filho. Após percorrer vários profissionais, Alberto foi diagnosticado como portador de uma síndrome cujo nome não lembra. Era motivo das brigas entre o casal. O pai, não suportando mais as acusações da mãe, sai definitivamente de casa e constitui outra família. A mãe inicia um namoro, adota outros dois filhos, temerosa que Alberto não corresponda ao desejo de seguir os seus ideais. Alberto preocupa-se em atender às expectativas da mãe, não pode fazer escolhas. Preso à figura materna não consegue separar-se dela, quer ocupar o lugar do pai ausente.

Em Lacan, a família não é constituída pelos pais, mas pelo desejo da mãe, Nome-do-Pai e objeto *a*.

Como podemos entender o que se passa com Alberto que não consegue fazer suas próprias escolhas? O que os pais fazem para facilitar a separação? O que ele próprio faz para separar-se dessa família? Alienado ao desejo do Outro, Alberto está submetido à determinação significativa, quer libertar-se, mas não consegue. Precisa fazer a escolha de barrar o gozo que se repete e se desvela em seu sintoma.

Separar-se dos pais é um processo que exige do adolescente experimentar prescindir dos pais. Para tanto se mostra rebelde, burla regras, contradiz as ordens paternas, enfim, vai usando da capacidade de se contrapor, para poder assumir um novo lugar como filho.

Em seu artigo *Separar-se de seus Pais*, Strauss (2000) ressalta que o separar-se deve partir dos filhos e não dos pais. A família deve servir basicamente à constituição de um desejo e isto está presente na separação. É preciso que o sujeito queira se separar. É importante que os pais não se separem dos filhos antes que eles o façam, pois eles precisam dessa sustentação para que possa aflorar o desejo a partir da percepção de que os pais não são perfeitos, de que eles têm fraquezas, inseguranças, indecisões, um furo.

A adolescência, sob o ponto de vista psicanalítico, implica pagar o preço do desligamento do ideal das referências infantis, o que significa partir para a construção de suas próprias referências. O desligar-se dos pais permite o crescimento de cada um, através da elaboração das perdas, possibilitando ao sujeito escolher seu próprio destino. A maneira como cada sujeito vai lidar com a falta inscrita na subjetividade determinará as formas de lidar com o sexo, com a lei, com o desejo, com a angústia, com a morte.

As escolhas e os projetos de vida de um sujeito se pautam em muitos determinantes, escolhas não raro induzidas, por imposição ou por sedução do Outro da cultura. Escolher implica coragem, implica um escolher bem exercer-se.

Quando o sujeito se percebe aflito diante da escolha profissional, diante da busca de um significante profissional, isso vai para além da designação a respeito das ocupações ou funções sociais.

Ao escolher um significante profissional, o jovem crê estar escolhendo algo que o defina enquanto sujeito. Esse significante encontra-se atrelado ao desejo do Outro. A causa do desejo pode incorporar um olhar que o Outro lhe

dirija. Na busca desse olhar, o sujeito passa a procurar o seu lugar no laço social (Oliveira Neto, 2008).

Em nossa cultura, o vestibular funciona como um rito de passagem para a vida adulta, promovendo um angustiante encontro com o real. Para entrar nesse mundo, muitas vezes o jovem é forçado a escolher uma profissão às pressas. Essa precocidade em resolver algo tão importante em sua vida precipita por vezes uma escolha errada.

Assim como o nome próprio, o referente profissional é um significante. Estes se diferenciam na medida em que o primeiro é escolhido pelo Outro, ao passo que o referente profissional é o próprio sujeito quem escolhe a partir do Outro. O que querem que eu seja? O que quero ser?

Cabe ao sujeito escolher um significante profissional que o designe e que, na sua fantasia, o signifique. Nesta escolha algo o angustia. É o vazio frente ao ato da escolha, cuja causa também se origina na instância do Outro.

Fazer escolhas significa separar-se da cadeia significativa, ou seja, escolher efetuar a operação de separação como demonstrado anteriormente, significa querer saber o que é para além daquilo que se inscreve no Outro. Por essa via, poderá fazer escolhas que digam algo sobre si próprio e é assim que construirá uma identidade profissional que, por sua vez, expressa uma escolha a partir de seu próprio desejo.

Checchia (1990) ao definir a adolescência como um fenômeno próprio da modernidade, ressalta que a sociedade contemporânea produz uma variedade de opções que permitem novas identificações simbólicas. Por outro lado leva o sujeito a mobilizar sua libido para fins economicamente (ir)racionais, o que o impele a realizar identificações imaginárias para fins de consumo. Esse dado de realidade dificulta o confronto com seus conflitos originais e o impede de buscar novas equivalências simbólicas que sustentem seu próprio desejo.

Analisar os processos de escolha, na adolescência, à luz da psicanálise implica introduzir as questões referentes à constituição do sujeito do desejo, para além do campo das identificações, o que constitui uma contribuição para o trabalho com adolescentes no campo da educação.

Recebido em março de 2009 e aprovado em maio de 2009.

Referências

- ALBERTI, Sonia. **Esse Sujeito Adolescente**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CHECCHIA, Marcelo. **O Sujeito e a Adolescência**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação / Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia).
- COSTA, Ana. **Tatuagens e Marcas Corporais**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2003.
- CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita. Da Infância à Adolescência: Uma Passagem. **Revista Marraio**, Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, n.1, p. 7-9, 2001.
- FREUD, Sigmund. (1895). Projeto Para uma Psicologia Científica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v.1.
- FREUD, Sigmund. (1905). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. 7.
- FREUD, Sigmund. (1908). Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.9.
- FREUD, Sigmund. (1908) Romances Familiares. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.9.
- LACAN, Jacques. (1964). O Seminário Livro 11. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- OLIVEIRA NETO, Eliseu de. **O Outro na Construção da Identidade Ocupacional**. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro. RJ, 2008. Inédito.
- STRAUSS, Marc. Separar-se de Seus pais. **Revista Marraio**, Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos nº 0, p.11-23, 2000.

Bela Malvina Szajdenfisiz é mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela UVA/RJ.

E-mail: bmal.trp@terra.com.br

Maria da Gloria Sadala é doutora pela UFRJ, coordenadora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade e do Curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica e prática clínico-institucional da UVA/RJ. É professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC/RJ.

E-mail: gloriasadala@uva.br

